



POÉTICAS DA RELAÇÃO: A LITERATURA COMPARADA NO CONTEXTO DA DIÁSPORA NEGRA NAS AMÉRICAS

Vendo o Mar do Caribe, em contraste com o caráter fechado e autocentrado do Mar Mediterrâneo, como um lugar de difração, imbricação, encontro e passagem, Édouard Glissant, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), enxerga nesse espaço o molde de fecundação daquilo que considera o fenômeno da criouliização. A criouliização, elemento de uma poética, mas concomitantemente de formações culturais, linguísticas e identitárias, se opõe à mestiçagem. Ao contrário desta última, não se baseia em oposições binárias, calculadas e previsíveis; a criouliização é marcada pela coexistência em equivalência dos elementos heterogêneos, múltiplos e imprevisíveis. Seu movimento é de uma dialética sem síntese, em permanente movimento.

Perceptível a partir dos entrecruzamentos de povos e culturas diferentes através do empreendimento do tráfico

transatlântico de africanos, marcado, não obstante, pela violência, tal fato descrito por Glissant não se restringe às realidades engendradas pelas rotas do Oceano Atlântico, mas se dirige a uma totalidade, ou, para dialogar com Gayatri Chakravorty Spivak em *Death of a discipline* (2003), se insere em um circuito planetário. Visto isso, as noções tradicionais e fechadas de território não se fazem suficientes, na medida em que enxergamos, na contemporaneidade, a formação de comunidades globais que transcendem o espaço dos estados-nação.

A literatura, a nosso ver, é um lócus por excelência de confluências entre culturas heterogêneas, sobretudo no âmbito da produção e recepção de textos no contexto da diáspora negra. Soma-se a isso, no âmbito da pesquisa em Literatura Comparada, a insuficiência de métodos prescritivos e normativos para definir o objeto, isto é, a

multiplicidade epistemológica se faz sentir também em um campo de estudos que abre suas fronteiras, em uma crise que é sua sobrevida, na direção do transdisciplinar.

Sendo assim, o presente dossiê, **Poéticas da relação: a Literatura Comparada no contexto da diáspora negra nas Américas**, contempla textos que surgem a partir de algumas perguntas: de que maneira podemos revitalizar a questão do imbricamento entre forma e conteúdo no âmbito dos estudos culturais? Como o discurso artístico responde à violência traumática em curso desde o empreendimento colonial? De que maneira podemos trazer para o tempo de agora textos distantes no tempo, mas que ainda nos fornecem perguntas e respostas?

Na seção *Dossiê*, o artigo “A representação verbo-visual de Domingos Jorge Velho em Angola Janga”, Uini Ferreira

Barros e Edson Soares Martins apresentam uma análise do romance gráfico *Angola Janga*, de Marcelo D’Saete, pela perspectiva da construção do personagem Domingos Jorge Velho - líder da milícia que destruiu o Quilombo dos Palmares e vilão da história. A proposta, que parte do método de análise de verbo-visualidade de Beth Brait e dos conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, empreende a compreensão do romance gráfico como um trabalho de revisão do tema dos bandeirantes na história nacional, produzindo uma outra leitura e perspectiva sobre eles.

No artigo intitulado “Quando um haitiano foi à Lua ou uma leitura de *País sem chapéu*, de Dany Laferrière”, Renan Locatelli realiza uma leitura do livro *País sem chapéu* (2011), de Dany Laferrière, que trata do retorno do escritor ao seu país de origem, o Haiti. A construção de

uma imagética pautada no binômio *País real/País sonhado* desdobra-se na missão do protagonista/autor de acessar aquilo que está opacizado, invisível na neblina noturna sob o domínio dos deuses africanos.

Outro texto que contribui para o nosso dossiê é o de Beatriz Lima do Prado, intitulado “Movimento de sankofa como estratégia de sobrevivência em Roteiro Para Aïnouz, vol.2”, que se propõe a mostrar de que forma o rap, que se estabiliza no Brasil na década de 80, se tornou potente meio de resistência contra a violência destinada a determinadas populações desde o empreendimento colonial, a partir da análise do álbum *Roteiro para Aïnouz, vol. 2*, do rapper cearense Don L, mostrando a expressão artística enquanto meio de denúncia da realidade e também como modo de criação de outros imaginários.

Em “O machado de Xangô e o fio de contas da memória: ancestralidade, diglossia cultural e a resistência das mulheres de Água de barrela”, Laura Fratucci Frias e Emerson Pereti situam o premiado romance de Eliana Alves Cruz no projeto estético e político das literaturas de autoria negra e analisam a construção dos personagens, com ênfase na figuração do candomblé e dos processos mnemônicos e identitários na tecitura ficcional.

Em “O desencantamento entre a perda e o vislumbre: imagens e fabulações críticas em *Perder a mãe*, de Saidya Hartman”, Paulo Marcelo Fehlauer seleciona e discute estratégias textuais que integram o projeto de escrita da intelectual afro-americana. As categorias de “desencantamento” e “fabulações críticas”, operadas por Hartman, sinalizam o caráter ensaístico e memorialístico do seu trabalho historiográfico com imagens e fontes documentais

sobre o comércio transatlântico de escravizados e a vida da população afro-americana.

O artigo “Das figuras da memória que não embranqueceram na Água de Barrela: uma análise do romance histórico de Eliana Alves Cruz”, de autoria de Nayane Larissa Vieira Pinheiro e Luciana Lis de Souza e Santos, analisa o romance *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, a partir do viés memorialista e histórico, conectando teorias próprias do campo da Memória e da Literatura Afro-Brasileira.

A seção *Poéticas* reúne textos, escritos e audiovisuais, inspirada pelo tema da poética das relações, produto do encontro confluyente das águas. Neste sentido, as produções poéticas contempladas privilegiam uma perspectiva centrada nas tensões e possibilidades de se retratar esse

cenário múltiplo e potente da experiência do entrecruzamento de culturas, de forma a questionar e a escrever novas estéticas literárias.

A começar pela poética de Iza Reys, poeta mineira que é um dos nomes do trio de slam Afrolíricas e colabora com a revista *Em Tese* com o poema “Poeta do fim do mundo” - presente em seu primeiro livro, *Caminho de Volta pra casa*, lançado pela Editora Venas Abiertas, em 2022. Em texto e declamação, somos convidados a não somente ouvir, mas escutar palavras que reescrivem o fim e nos mostram a potência de um novo começo.

Junta-se a Iza Reys o poeta e comunicador baiano Lucas de Matos, com a performance de textos do seu livro *Preto Ozado*. O preciso trabalho com o corpo, a voz e a sua criação poética articula, a partir dessas semioses diversas, os

signos da afetividade e da resistência pretas. Ele também apresenta a seleta “Amores pretos”, com textos de escritores negros brasileiros sobre este desafiador sentimento humano.

Na sequência, as *espectografias*, de Moisés Alves, apresentam o trabalho acurado que o poeta, ensaísta e professor universitário tem desenvolvido na linguagem poética com temas candentes da lírica, como a memória, a passagem do tempo, a morte e o reconhecimento da subjetividade.

A poeta e atriz Rita Santana, com Ímpetos épicos, apresenta uma seleção poética da sua vasta obra, cuja expressividade lírica situa a diversidade do repertório cultural, mítico e poético do qual se alimentam as produções de autoria negra, cruzando as fronteiras do tempo e do

espaço, em travessia por territórios linguísticos, culturais e discursivos.

A seção *Entrevistas*, ainda relacionada ao tema deste dossiê, conta com a participação generosa de dois nomes importantes para as reflexões em torno das poéticas negras: a Prof^a Dr^a Leda Maria Martins e o Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte.

A primeira das entrevistas foi realizada pelos entrevistadores Prof. Dr. Marcos Alexandre e Henrique Júlio Vieira e aborda a trajetória da intelectual carioca-mineira nos campos da literatura, do ensino e da dramaturgia, bem como a presença do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá na sua formação. Leda Maria Martins também discute aspectos presentes em sua produção ensaística acerca da experiência da diáspora no rearranjo

das culturas negras e reflete sobre fatos candentes da vida contemporânea.

A segunda entrevista foi realizada pelo entrevistador Harion Custódio (idealizador deste dossiê durante o período em que foi editor da revista) e aborda questões relacionadas à necessidade de desmarcar o território da literatura produzida por escritores negros, à explicação do conceito de literatura afro-brasileira - bem como suas particularidades, ao papel importante de grupos literários e dos *Cadernos Negros* no fortalecimento dessa vertente literária, entre outras.

Na seção *Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias*, apresentamos o artigo “A arte entre o Sistema ideológico instituído e a ideologia do cotidiano: figurações da Amazônia no romance *Cinzas Do Norte*, de Milton Hatoum”,

de autoria de Tatiana Cavalcanti Fabem e Gilson Penalva, que realiza uma reflexão a respeito dos critérios de validação estética de obras artísticas de grupos majoritários e minoritário presentes na obra de Milton Hatoum, à luz dos estudos bakhtinianos sobre significação e de Nestor Canclini sobre arte.

Outro texto que participa desta seção é o de Pedro Furtado, intitulado “A aventura nos romances de Pedro Mairal”, centrado em realçar o papel fundamental da aventura como base de construção narrativa em três romances do escritor argentino Pedro Mairal: *Uma noite com Sabrina Love* (2019), *Salvatierra* (2021) e *A uruguaia* (2018) – e motivo da mobilização tanto dos afetos de prazer quanto dos de desprazer.

Já em “O impossível do trauma e o infamiliar: aproximações entre literatura e psicanálise no romance *Quem faz gemer a terra*”, artigo de autoria de Caroline Sidineia Kochenborger e Viviane Aparecida Pandolfo Debortoli, podemos conjecturar, a partir da análise da obra de Carlos Kiefer, a delineação de um paralelo entre representações do trauma, o infamiliar e a infância - em articulação com a culpa e a perversidade.

Dando prosseguimento aos artigos da seção, apresentamos o texto de Diana Victória de Carvalho Farias e Luciane Viana Barros Páscoa, “Os leitores de Compagnon e Eco na leitura fantástica de *Coraline*, de Neil Gaiman”, que aborda o entendimento da figura do leitor ideal - principal aliado da narrativa fantástica, bem como a sua identificação na obra *Coraline*.

Outro texto que contemplamos é o “Entre o estético e o político: reflexões sobre o caráter contra-hegemônico da poesia *slam*”, de autoria de Laura Emilia Araujo e Agui-mario Pimentel Silva, que se propõe a evidenciar a poesia *slam* como uma prática cultural de caráter contra-hegemônico, a partir da análise de textos da coletânea *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizada pela poeta Mel Duarte, com poemas de diferentes mulheres *slammers*.

Na seção *Em Tese*, o artigo intitulado “A escuta multiespécies em Clarice Lispector”, Evandro Sant’ Anna analisa algumas das relações que podem ser estabelecidas entre o exercício da escuta e a inscrição da vida outra que humana em textos ficcionais de Clarice Lispector, visando compreender a escuta em Clarice Lispector como gesto

que expande as maneiras por meio das quais nos afetamos pelo texto literário.

Outro texto que integra esta seção é o de Kelly Cristina Medeiros Ferreira, intitulado “Valentes, viris e violentos em obras de Guimarães Rosa e de autores do cordel – o rapto”, que busca verificar as aproximações e distanciamentos concernentes ao registro da virilidade em “Corpo fechado”, de *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa, e em dois romances relacionados ao ciclo dos valentes da literatura de cordel - *História de Mariquinha e José de Souza Leão* (1937?), de João Ferreira de Lima (PE/1902-PE/1972) e *Os prantos de Cacilda e a vingança de Raul* (s/d), de José Pacheco da Rocha (AL?/1890?-AL/1954?).

Na seção *Resenhas*, Wemerson F. Gomes apresenta o texto intitulado “GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Serenidade*,

presença e poesia. Seleção e tradução Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016”, trazendo uma resenha do livro *Serenidade, presença e poesia*, coletânea que reúne cinco ensaios do historiador, teórico e crítico literário Hans Ulrich Gumbrecht, publicados entre 1998 e 2015. Em “Plácida desesperança da vida adulta: *O rei pálido*, de David Foster Wallace”, Diego Gomes do Valle analisa o romance póstumo do autor estadunidense enfatizando que a obra explora a desesperança e o tédio da vida adulta, por meio de uma narrativa fragmentada e polifônica. Por fim, em “Sonhos e abismos em *Dentro da barriga da besta (com Pieter Lastman)*, de Lucas Matos”, resenha que encerra a seção, Anita Rivera Guerra destaca a intersecção entre sonho, realidade e a inevitabilidade da morte. Embora o movimento da narrativa seja o de erguer-se em direção “à boca da besta” – sugere a resenhista –, do fundo do abismo também ergue-se algo: “algo permanece, vivo

e latente, na barriga da besta, no olho do rodamoinho, pronto para ser cuspidado de volta ao mundo. O que resta é a palavra: *silêncio*”.

A Seção *Tradução e Edição* conta com o ensaio “Humanidades, cultura e universidade na cena histórica global”, assinado por Felipe Cordeiro, Jéssica Ribas e Sara Rojo. O ensaio toma para si a tarefa hercúlea de ponderar o papel das humanidades e da universidade diante o mundo contemporâneo e suas crises.

Em “100 anos do Livro de Mágoas – Releituras da obra de Florbela Espanca”, Danielle Meireles de Andrade investiga a releitura e relevância da poetisa portuguesa Florbela Espanca feita por Maria Lúcia Del Farra, Ana Luísa Vilela e Fabio Mario da Rosa Fina.

*

Alice Carvalho Diniz Leite
Bruna Stéphane Oliveira Mendes da Silva
Camila Carvalho
Henrique Júlio Vieira
Lorena do Rosário Silva
Pedro Rena
Tiago de Melo Cordeiro